

Ao relento

grandes sonhos de quem vive nas ruas do Rio

Por NAYSE LOYER

Essa mãe na praia, onde vende refrigerante e dá conselhos: "Sei que sou privilegiada, pois vivo aqui porque quero. Sou feliz assim"



Fiquei surpreso quando folhiei seus livros pela proximidade com meu pensamento. *A águia e a galinha* reflete um pouco o meu livro *A alma imoral*. Nele, digo que o ser humano não precisa ser mais do que é. Não precisa ser santo. Mas tem que ser tudo o que é. E fazer tudo exige ser transgressor. Na imagem que você usa no livro, a águia como missão e a galinha como acomodação, em que medida a águia é transgressora?

A águia e a galinha são dimensões do humano. A galinha, dimensão de enraizamento num lugar, numa profissão, numa família. Essa dimensão é irrenunciável. Mas o ser humano tem um fogo, um desejo sem limites, que é a dimensão da águia, que viola fronteiras. Portanto, é um ser de profundo desequilíbrio. Está sempre insatisfeito, é um eterno protestante, herético, no sentido de romper as convenções, e é um judeu errante, buscando novas terras. O processo de mundialização, que parece estar gerando mais relações de interesse do que de direitos, pode fazer deste um mundo melhor?

A mundialização tem a ver com a história da Terra e da humanidade. Estamos vivendo uma idade de ferro. Esse processo está se realizando pela via econômica, de interesses privados. É a forma de organização do capitalismo. Esse mercado não é inclusivo, não é solidário. É competitivo e excludente. Tenho esperança de que triunfe o processo que fará da Terra o sonho bíblico: a pátria de todo ser vivo. A possibilidade desse sonho vem da opção pelo pobre ou da consciência de que temos que salvar o planeta?

O grande sujeito desse processo é a Terra. A Terra está com medo de que um filho cometa matricídio. Essa grande mãe Gaia sobreviverá, mas passará por uma crise. A médio prazo, teremos uma grande catástrofe, que pode ser econômica ou ecológica. A mais imediata é econômica porque o capital produtivo de 1970 era de 90%. Na década de 90, 90% do capital é especulativo. São quase US\$ 100 trilhões que não existem. Essa mentira terá um fim. O momento da verdade provocará uma reestruturação da economia e a dizimação de milhões de pessoas, que morrerão de fome. A partir daí, haverá um gerenciamento coletivo do planeta.

Acha que a mãe Terra vai intervir nesse processo?
Sim. Com o risco de que ela poderá eliminar o *homo sapiens* para continuar sua trajetória. Talvez daqui a alguns bilhões de anos, de algum escorpião, de alguma barata, que são seres que resistem à irradiação nuclear, nasça um novo ensaio do ser humano. Mas tanto eu como você, que viemos de uma tradição de profunda fé, em que a última palavra de Deus não é morte, mas vida, não po-



"No Brasil, a palavra auto-ajuda é interesseira, meio receita. Mas as tradições religiosas também são um processo de auto-ajuda"

Nilton Bonder

demos acreditar nessa teoria. Deus não triunfa em cima de ruínas. Ele nos leva de glória em glória até irrompermos e explodirmos para dentro de nós.

O problema da espiritualidade hoje é que temos a resposta mas esquecemos da pergunta?

Esse é o grande equívoco de grandes caminhos espirituais, que têm a arrogância de ter a solução final. A nossa tradição, a dos filhos de Abraão, judeus, cristãos e muçulmanos, freqüentemente incorre nesse risco porque cada família se considera o povo escolhido. No capítulo 12 do Gênesis verificamos que não é a história de Israel, dos muçulmanos e cristãos, que está retratada, mas da humanidade. Abraão é escolhido para ser um sinal para toda a humanidade.

Tenho um carinho especial por você, um teólogo cristão que resgata o Velho Testamento retirando-lhe o estigma de ultrapassado. A revitalização da mensagem libertadora do Êxodo, da missão coletiva, não está na contramão de um mundo que supervaloriza o indivíduo?

Sim. O dado coletivo da tradição abraônica é isso: universalizar essa experiência. É sentir que cada povo é filho de

Deus. Isso vai ao encontro da tendência atual de exacerbar o máximo possível a propriedade privada, o individualismo, a pós-modernidade do vale-tudo. Perdemos o valor maior do universo, que não é o triunfo do mais forte, mas a sinergia, onde um depende do outro. Fiquei contente de ver como você escreve Deus. Você guarda a tradição hebraica de não falar em Deus. De falar por signo. O pecado maior é usar o nome de Deus em vão.

Você faz uma conexão entre ecologia e pobreza. Como seria mais saudável compreender essa questão: os problemas ecológicos como manifestação de um problema mais amplo que tem a ver com exploração, ou a pobreza como vertente de questões do meio ambiente?
Estamos cansados do meio ambiente. Queremos o ambiente inteiro. E nele está o ser humano. A espécie humana persegue, maltrata e crucifica o semelhante. Temos que nos abrir para a ecologia social. A injustiça social se transforma numa injustiça ecológica, numa agressão ao ser humano. Devemos fazer uma revolução social para conservar a natureza. Isso nos leva a uma visão mais completa de ecologia, que é como organizar a casa comum de tal maneira que possamos viver em paz num pacto de solidariedade sob um grande arco-íris da graça de Deus. Vejo você como um pensador da grande tradição hebraica que se confronta com o pensamento contemporâneo. Isso é inovador. Qual é a recepção que a sua comunidade tem com a sua posição teológica?

Às vezes é tensa. Como o judaísmo não tem uma hi-

Desobedientes

Conversar com Leonardo Boff é como a sensação de infância de cavar um túnel na areia da praia. Mãos que cavam uma de cada lado e que experimentam a alegria do encontro no meio do caminho. Não é a experiência comum de um católico e um judeu que fazem as diplomacias do século 20. É um encontro real no meio do caminho onde a linguagem pura das tradições não é uma concessão, mas o próprio instrumento de estar-se junto. Combinação boa de pensamento e vivência, de poético e teórico, de idéia e engajamento. Leonardo é um homem do século 21. Um mestre do mundo, profundamente brasileiro. Sua humanidade inteira representa aquilo que autoridade alguma desautoriza num padre, num rabino ou num ser humano. Nossa con-

versa é sobre estar autorizado. É um encontro de pessoas dispostas a arcar com os custos da desobediência por profundo respeito ao passado e compromisso com o futuro. Conta uma história que dois rabinos de escolas diferentes caminhavam juntos quando se depararam com uma porta pela qual os dois não passavam ao mesmo tempo. Ofereceram um ao outro passar a frente, mas ambos recusaram. Um disse: "Vamos alargar a porta." O outro respondeu: "Não, vamos atravessar pela parede." Leonardo é dessas pessoas que estão fazendo a porta mais ampla para todos nós e, quando não dá, tem a grandeza e o espírito de nos convidar a atravessar a parede.

Nilton Bonder, rabino, 40 anos, está lançando o seu 11º livro, *A alma imoral*



Foto de Carlos Magalhães

arquia de poder, as pessoas brigam, mas não existe uma sanção, desde que uma comunidade me legitime. Outro dia ouvi um rabino que respeito muito dizendo: "Se o seu trabalho não gera reação à sua volta, então não vale a pena fazê-lo." Quando o trabalho traz algo importante, em algum lugar ele tem reação contrária. Isso é parte do trabalho. Como é isso pra você?

Não tenho nenhuma censura. Mas os teólogos cristãos são vigiados pela Congregação para a Doutrina da Fé, que é herdeira do Santo Ofício, que é herdeiro da Inquisição. São instâncias jurídicas rigorosas que zelam para que cada teólogo se mantenha dentro da ortodoxia pontifícia, que não é a cristã. O cristianismo permite muitas tendências. Há Papas de extrema capacidade mística e teológica que se dão conta de que nenhuma linguagem aprisiona Deus e deixam a teologia ser criativa. Outros são quase burocratas do sagrado, como o Papa atual. Daí vem a repressão. Fui vítima dessa estratégia. Foi proibido de tudo. Mas não deixei a comunidade cristã. Eu me sinto livre.

As tradições bíblicas se preocupam com a ética. Isso é política. Mas a atuação do religioso não é nas instituições do governo. Isso acontece em Israel e noto o quanto é prejudicial.

Devemos distinguir a política minúscula, partidária, da maiúscula, que é social: a busca da justiça, o combate à corrupção. A religião é política porque quer verdade, justiça, vida. Quando isso é colocado em risco, tem que intervir, defendendo os sem-terra, os meninos de rua. A religião não deve se meter em política partidária, mas cabe à ela fazer um juízo ético dos projetos políticos.

Como vê a busca pela religiosidade no fim do milênio?
Há uma crise em todas as instâncias. Universidades, partidos, governos. Isso cria uma orfanidade. Há uma crise de racionalidade. Essa razão se mostrou demente. Não montou sociedades igualitárias. Nos momentos de crise o ser humano volta à dimensão mais básica, mística, religiosa. Porém, esse mercado vasto às vezes traz manipulações e utilização de interesses financeiros. Por outro lado, a partir da crise surge a revitalização do cristianismo, do judaísmo. Além da possibilidade de emergirem novos caminhos espirituais adequados à nova consciência. É muito bonito ouvir você falar. **Principalmente quando mergulha na linguagem cristã destituída de policiamento ideológico. Como judeu, é muito difícil ouvir a linguagem do cristianismo como uma linguagem que vem dessa pureza da fé, da espiritualidade.**
O que une as religiões é a espiritualidade, o encontro com o absoluto, que não é um abismo aterrador, mas um



"Há Papas que se dão conta de que nenhuma linguagem aprisiona Deus. Outros são burocratas do sagrado, como o Papa atual"

Leonardo Boff, 59 anos, teólogo e escritor

grande útero que acolhe. A religião remete a uma unidade de base onde todos bebem do mesmo poço, que é essa experiência do divino, do sagrado.

A tradição judaica tem o jeito de uma tradição sapiencial. O meu trabalho é de divulgação desse lado da tradição que muitas vezes é hermético. Escrevi meu primeiro livro há 12 anos. Já escrevi 11 livros. O livro me ajuda a saber onde estou. Como é escrever pra você?

Tenho mais de 60 livros. Ser escritor é trabalhoso. Você está sempre atrasado, não tem fim de semana, não tem a hora do chope, dificilmente encontra os amigos. Mas é uma forma de falar pra mim mesmo quais são as minhas buscas. Uma forma de entender o mundo. Meus livros são demasiadamente teológicos, mas quero fazer uma literatura mais sapiencial, que pega a sabedoria comum e faz um discurso em que cada um possa se reencontrar e buscar o divino nele mesmo, nem tanto na Igreja.

Tem uma dimensão em escrever que é muito prazerosa. Mas o endeuamento incomoda. Sou um alfaiate. Pego um tecido de concepção sapiencial antiga e dou o caráter do lugar

onde vivo. O prazeroso é essa comunhão com as pessoas. Falar uma linguagem que se aproxima delas.

Não ganhamos dinheiro com livros. Mas há entre os conservadores quem diga que estou fazendo do cristianismo algo digerido a qualquer estômago. Normalmente o clero entende meu trabalho como um momento da evangelização, mas gostariam que eu fosse mais oficialista, apresentando a Igreja. Esse é um mundo de letra morta. **No Brasil, a palavra auto-ajuda é meio interesseira, meio marketing, meio receita. Mas as tradições religiosas são um processo de auto-ajuda. E quanto mais você disseminar o conhecimento espiritual, melhor. O mundo de um futuro melhor é onde todas as pessoas poderão ser padres e rabinos.**

Temos que resgatar o conceito positivo da auto-ajuda. Há a auto-ajuda que é marketing, que ajuda mais o autor. A auto-ajuda faz uma pessoa descobrir o seu potencial de liberdade. Tem que assumir o risco da caminhada para encontrar sua felicidade, seu perfil espiritual. Eu me dei conta disso quando uma reportagem disse que *A águia e a galinha* é auto-ajuda. Fiquei assustado porque o livro tem um trabalho teórico complicado, da física quântica à mística. O sucesso literário me incomoda. Gostaria mais de aprender do que receber os louros. Mas me alegro porque há outros nessa busca. Não estamos sós.

Leia a íntegra e ouça trechos da entrevista no JB Online: <http://www.jb.com.br>